

A Bíblia, embora não apresente uma visão unitária sobre a velhice, é uma fonte de inspiração para interpelar o comportamento e os hábitos atuais em relação à velhice e aos anciãos.

A unidade e dignidade do ser humano, a vida como um dom de Deus e como parte do mistério divino, apresentadas pelos autores bíblicos, oferecem profundas sugestões capazes de sustentar o empenho e o interesse pela espiritualidade e pela pastoral da terceira idade.

Para uma pastoral da terceira idade

Fundamentação Bíblica

*Dom Manoel João Francisco**

O Autor, Bispo diocesano de Chapecó, é Doutor em Teologia e foi, durante muitos anos, Professor de Teologia Sacramentária no ITESC.

Encontros Teológicos nº 34
Ano 18 / número 1 / 2003



1 A idade dos anciãos

Em primeiro lugar é preciso ver que é com a idade que uma pessoa, na Bíblia, passa a ser considerada velha.

Para o homem bíblico, principalmente o do Antigo Testamento, a vida e a fecundidade eram os bens mais importantes e, por isso mesmo, os mais desejados. Deus é vida e o Senhor absoluto da vida. O ser humano possui vida, por pura bondade de Deus. “*Na mão de Deus está a alma de todo o ser vivo e o sopro de toda humana carne*”(Jó 12,10). Se Deus pensasse apenas em si mesmo e se concentrasse, somente em si, seu sopro e alento, “*toda carne expiraria de uma vez e o homem voltaria ao pó*”(Jó 34,14-15). Nesta luz, a ancianidade deve ser vista e acolhida como um dom do Senhor, um sinal de seu amor, uma bênção concedida apenas para aqueles que, pelo cumprimento dos mandamentos, se fizeram desse Dom merecedores¹.

“Honra teu pai e tua mãe, a fim de que teus dias se prolonguem sobre a terra” (*Ex 20,12; cf. Ef 6,2-3*). “Se servirdes ao Senhor, vosso Deus, ele abençoará teu pão e tua água. E afastarei de ti a doença... Eu te darei toda a tua parte de dias”(Ex 23,25-26). “...amando o Senhor, teu Deus, escutando a sua voz e ligando-te a ele. Nisto está a tua vida e a tua longevidade” (*Dt 30,20*). “O temor do Senhor prolonga os dias, os anos dos maus serão abreviados”(Pr 10,27). “Não te inflames contra os maus, não invejes os criminosos, pois murcharão tão depressa quanto o capim e secarão como a erva... O justo brota como a palmeira, expande-se como cedro do Líbano: plantado na casa do Senhor, ele brota nos átrios do nosso Deus. Mesmo idoso, continua a dar frutos, permanece cheio de seiva e de verdor”(Sl 92,13-15).

Tendo em conta esta mentalidade, é fácil entender a longevidade exagerada atribuída pelos autores bíblicos a certos personagens que viveram antes do dilúvio e mesmo depois. Adão viveu 930 anos, seu filho Set 912, Noé 950. Abraão tinha 75 anos quando saiu de sua terra, para iniciar um novo tipo de vida, e 100 anos quando nasceu seu filho Isaac. O recorde, porém, pertence a Matusalém, que viveu 969 anos. Sem dúvida, esses números não correspondem à realidade. Segundo os exegetas, os autores bíblicos não estão interessados em fornecer uma informação histórica, mas apenas em proclamar a grandeza de Jahvé e de sua misericórdia que sabe recompensar com longa vida e fecundidade, mesmo na velhice, os que nele confiam e seguem seus preceitos².

¹ D. TETTAMANZI, *Il Carisma dell'anziano. Spunti biblici*, em *Anime e Corpi*, n. 69(1977)90

² J.R. FLECHA, *En la vejez seguirá dando fruto (Sl 92, 15). Ancianos y ancianidad en la Biblia*, em *Sal Terrae* n.81(1993)763.



A própria Bíblia, aliás, se encarrega de fornecer uma visão mais realista sobre a longevidade das pessoas. O Salmista, por exemplo, faz questão de dizer que *“setenta anos é, às vezes, a duração de nossa vida, oitenta, se ela for vigorosa”* (Sl 90,10; cf. também Sl 39,6; 89,48). O profeta Isaias chega a ser duro em suas expressões: *“Todos cairão em frangalhos como um manto velho. A traça os roerá”* (Is 50,9). E numa outra passagem: *“Toda a criatura é como a erva e toda a sua glória é como a flor dos campos. A erva seca e a flor fenece quando o sopro do Senhor passa sobre elas”* (Is 40,6-7).

Estudos da cronologia bíblica confirmam esta versão. Pode-se ver, com efeito, que a média de idade dos reis que sucederam Davi, de Amasias a Ezequias, ou seja de 926 a 597 aC, não ultrapassou 44 anos. Apenas dois teriam atingido 60 anos, e outros três teriam superado os 50³.

Um outro índice é fornecido pela orientações relativas ao serviço dos levitas:

“Dentre os filhos de Levi, fazei o recenseamento dos filhos de Qehat, por clãs e por famílias, de todos aqueles de trinta a cinquenta anos que devem cumprir o serviço trabalhando na tenda do encontro...”. “Recensearás todos os de trinta a cinquenta anos que devem cumprir serviço realizando as tarefas na tenda do encontro...”. “Eis as disposições referentes aos levitas: a partir de vinte e cinco anos o levita deve cumprir serviço encarregando-se dos trabalhos da tenda do encontro. Aos cinquenta anos, ele deixará o serviço ativo: não estará obrigado ao trabalho. Ele assistirá seus irmãos para garantir o ofício na tenda do encontro, mas não estará obrigado ao trabalho. Estas são as disposições que estabelecerás para o ofício dos levitas” (Nm 4,3.23.30; 8,24).

Num contexto de escravidão, o livro do Levítico apresenta o valor comercial das pessoas. Assim sendo, temos informação que *“para um homem de vinte a sessenta anos, o valor é de cinquenta siclos de prata – em moeda do santuário; para uma mulher, o valor é de trinta siclos; para alguém entre cinco e vinte anos, o valor de um rapaz é de vinte siclos, o de uma moça, de dez siclos; para alguém entre um mês e cinco anos de idade, o valor de um menino é de cinco siclos de prata, o de uma menina, de três siclos de prata; para alguém de sessenta anos ou mais, o valor de um homem é de quinze siclos, o de uma mulher, de dez siclos”* (Lv 27,3-7).

Como se pode ver, segundo o livro de Números, o tempo entre 25 e 50 anos era o período de atividades de um levita no templo. Aos 50 anos, ele devia se aposentar. Segundo o livro do Levítico, um homem de 60 anos ou mais valia bem

³ H.M. WOLFF, *Antropologia do Antigo Testamento*, Ed. Loyola, São Paulo, 1975 (trad.), p. 162.



menos do que um de 20 a 60. Combinando o enunciado do Salmo 90 com o testemunho dos livros do Levítico e dos Números, com muita probabilidade, pode-se dizer que a Bíblia situava a idade da velhice entre 50 e 70 anos⁴.

2 O status social dos anciãos

Longe de serem marginalizados, os anciãos, na Bíblia, aparecem como uma estrutura importante na dinâmica social e política de Israel.

Quando o povo ainda caminhava no deserto, por ordem de Deus, Moisés convocou 70 anciãos para que o ajudassem no governo do povo.

“O Senhor disse a Moisés: “Reúne-me setenta anciãos de Israel, homens que sabes serem anciãos e escribas do povo. Tu os levarás à tenda do encontro; lá eles se apresentarão contigo. Eu descerei ali e te falarei; tomarei um pouco do teu espírito que está em ti para pô-lo neles; carregarão contigo o fardo do povo e não estarás mais sozinho para levá-lo” (Nm 11,16-17).

Essa ajuda dos anciãos a Moisés não se restringiu apenas ao aspecto administrativo e jurídico, mas se estendeu às questões religiosas e, inclusive, às militares (Ex 24,9-11; 29,7; 12,21-27; Dt 21,6-9; 1Sm 4,3; Js 8,10).

Mais tarde, quando o povo já estava estabelecido na terra que o Senhor lhes havia reservado, os anciãos continuaram como chefes dos clãs e das tribos ou como autoridades político-religiosas nas cidades.

A mudança de regime de governo – dos Juízes para a monarquia – não mudou praticamente em nada, ao menos no início, a autoridade dos anciãos. O pacto feito para o reconhecimento do rei, colocava a monarquia sob cláusulas precisas que garantiam um efetivo controle dos anciãos sobre o poder central do rei. A revolta de Absalão, filho de Davi, evidencia bem a autoridade dos anciãos em relação ao rei. Eles não são simples conselheiros, mas juntamente com o rei exercem um papel de decisão. O rei não tem poder absoluto, nem mesmo no que toca às questões políticas e militares, menos ainda, em relação às questões jurídicas. O rei era um *“primus inter pares”*, e qualquer iniciativa política ou administrativa de sua parte devia ter o consentimento dos anciãos (2Sm 3,15-19). O poder político dos anciãos aparece também por ocasião do reconhecimento do sucessor de Salomão. Eles colocam condições para reconhecerem Roboão como seu novo rei. Este não aceitou as condições porque se sentiu tolhido em suas pretensões. A reação dos anciãos não se fez esperar. Declararam a independência das dez tribos do norte, dividindo em dois o império davídico-salomônico (1Rs 12).

Mas, com o passar do tempo, os reis foram, cada vez mais, fortalecendo sua autoridade e os anciãos, principalmente em Judá, o reino do sul, foram perdendo

⁴ J.P. PRÉVOST, *Vieillir ou ne pas vieillir? Le point de vue de l'Ancient Testament*, em *Église et Théologie* n.16(1985)14; R. MARTIN-ACHARD, *Perspectivas bíblicas sobre a velhice*, em *Concilium* n.234(1991)39.



todo o seu controle sobre a monarquia. Passaram então a ser simples juizes e porta-vozes do povo junto ao rei (Dt 19,12; 21,2-4.6.19-20; 22,15-18; 25,7-9).

No Novo Testamento, os anciãos no exercício de sua função de juizes condenaram Jesus à morte (Lc 22,66). Os cristãos, porém, não se traumatizaram com o acontecimento, e adotaram o mesmo tipo de organização na condução das primeiras comunidades (At 15,2.6.22; 16,4; 21,17-26; 11,30).

Se, enquanto grupo, os anciãos tinham um *status* privilegiado, não acontecia a mesma coisa, quando considerados individualmente. Com certa freqüência eram marginalizados e desprezados.

“Oprimamos o pobre, mesmo se for justo; não poupemos a viúva, nem respeitemos as cãs do ancião” (Sb 2,10). *“Meus sacerdotes e meus anciãos pereceram na cidade enquanto buscavam alimento, para se reanimar”* (Lm 1,19).

O fato de existirem leis determinando o respeito pelos anciãos, mostra que, na prática, a dignidade deles nem sempre era respeitada.

“Levanta-te diante de cabelos brancos, e sê cheio de respeito por um ancião; é assim que terás o temor do teu Deus” (Lv 19,32; cf. Dt 28,50). *“Honra teu pai e tua mãe, a fim de que teus dias se prolonguem sobre a terra”* (Ex 20,12). *“Com atos e palavras honra teu pai, a fim de que sua bênção venha sobre ti; porque a bênção de um pai consolida a casa dos filhos, mas a maldição de uma mãe arranca-lhe até os alicerces... Filho, ampara teu pai em sua velhice e não o aflijas enquanto vive. Mesmo se perder a razão, sê indulgente e não o insultes porque estás em pleno vigor. Tua esmola para com teu pai não será esquecida...É um blasfemo aquele que abandona seu pai, é maldito do Senhor quem irrita sua mãe”* (Eclo 3, 8-9.12-14.16).

3 Ancião enquanto exemplo de vida

A Bíblia com muita freqüência apresenta figuras de anciãos carregados de experiências, que os fazem verdadeiros mestres de vida para as novas gerações.

Uma dessas figuras de ancião famoso é a do velho Eleazar. O povo judeu estava sob o domínio, não apenas político e econômico, mas também religioso e cultural, da Síria. Todos deviam renunciar à fé em Jahvé, abolir a circuncisão, comer carnes de animais impuros e trocar os próprios nomes hebreus por nomes sírios (cf. Dn 1,1-12). Se alguém desobedecesse a essas orientações devia morrer. Eleazar era um velho de 90 anos e amigo dos funcionários do rei. Estes, querendo poupar-lhe a vida, o aconselharam simular que estava de acordo com as novas normas.

“Ele, contudo, empenhado em agir honestamente, de maneira digna de sua idade, da autoridade de sua velhice e de seus venerandos cabelos encanecidos numa existência laboriosa, digna da irrepreensível conduta que mantivera desde a infância, mas sobretudo da santa legislação estabelecida por Deus, respondeu



que o enviassem sem tardança à morada dos mortos. E acrescentou: “Sobremaneira indigno seria, em nossa idade, usar de tal fingimento; muitos jovens, pensando que Eleazar tivesse abraçado aos noventa anos o gênero de vida dos estrangeiros, desencaminhar-se-iam por causa de minha dissimulação. Isso, de resto, não me faria lucrar, e bem despropositadamente, senão um pequeno resto de vida. Não faria eu mais que atrair sobre minha velhice mácula e desonra. E ainda que me subtraísse agora ao castigo dos homens, não escaparia, nem vivo nem morto, às mãos do Todo-Poderoso. Portanto, renunciando agora à vida com coragem, mostrar-me-ei digno de minha velhice, tendo deixado aos jovens o nobre exemplo de uma bela morte, voluntária e generosa, pelas veneráveis e santas leis”. E tendo dito estas palavras encaminhou-se diretamente ao suplício da roda... Foi assim que esse homem partiu desta vida, deixando pela sua morte, não somente aos jovens mas à grande maioria da nação, um exemplo de nobre coragem e um memorial de virtude” (2Mc 6,18-31).

Outro ancião que a Bíblia apresenta como exemplo de vida é o velho Tobit. Este homem viveu em Nínive como deportado, após a conquista da Samaria pelo rei Salmanassar. Embora vivesse num país estrangeiro, na condição de exilado, procurou conservar sua fé em Deus e cumprir todos os preceitos de sua religião. Dava esmolas, sempre que podia, e, arriscando a própria vida, não deixava de enterrar os cadáveres dos compatriotas executados pelo rei. Denunciado por um vizinho, teve de fugir e todos os seus bens foram confiscados. Para completar o quadro de desgraças, aos 62 anos ficou cego. Era então desprezado e insultado até pelos próprios parentes. Julgando que iria morrer, chamou o filho Tobias para dar a este os últimos conselhos e as últimas recomendações: *“Quando eu morrer, dar-me-ás uma digna sepultura; honra a tua mãe e não a abandones em nenhum dia de tua vida; faze o que lhe agrada e não lhe sejas causa de tristeza alguma... E quando ela morrer sepulta-a junto de mim, no mesmo túmulo. Meu filho, lembra-te do Senhor todos os dias e não queiras pecar nem transgredir seus mandamentos. Pratica a justiça todos os dias da tua vida e não andes pelos caminhos da injustiça. Pois, se agires conforme a verdade, terás êxito em todas as tuas ações, como todos os que praticam a justiça. Toma de teus bens para dar esmolas. Nunca afastes de algum pobre a tua face, e Deus não afastará de ti a sua face. Regula a tua esmola segundo a abundância de teus bens: se tens muito dá mais; se tens pouco, dá menos, mas não tenhas receio de dar esmola, porque assim acumulas um bom tesouro para o dia da necessidade... Não faças a ninguém o que não queres que te façam... Bendize o Senhor Deus em toda a circunstância... Portanto, meu filho, lembra-te desses mandamentos e não permitas que se apaguem do teu coração” (Tb 4,1-19).*

Vendo a fidelidade de Tobit, Deus não só não permitiu que morresse, mas o recompensou devolvendo-lhe a visão, as amizades, todos os seus bens e uma longa vida. Morreu em paz aos 112 anos e foi sepultado com magnificência em Nínive (Tb 14,2).

Para o homem da Bíblia, a consagração e a bênção suprema de uma pessoa é a de poder terminar seus dias em uma velhice feliz. Foi assim que morreram



Abraão (Gn 25,8), Gedeão (Jz 8,32) e o rei Davi (1Cr 29,28). Foi assim também que aconteceu ao velho Tobit.

Outra idéia forte na Bíblia é que a vida é uma parábola. O envelhecimento do homem e do mundo faz parte dos desígnios de Deus. Não faz sentido rebelar-se contra esses desígnios. Por isso, uma atitude de tranqüila aceitação é sinal de sabedoria.

Exemplo dessa sabedoria é o velho Berzelai. A este ancião, o rei Davi ofereceu um lugar na corte, como gratidão por tê-lo ajudado a fugir das mãos do filho Absalão. Mas o ancião não aceita, com a seguinte justificativa: *“Quantos anos viverei ainda, para que suba com o rei a Jerusalém? Tenho agora oitenta anos, e já não distingo entre o que é bom e o que não o é. Já não posso saborear o que como e o que bebo, e não ouço mais a voz dos cantores e cantoras. Por que iria o teu servo servir de peso ao rei, meu senhor? Teu servo só andou um pedaço de caminho com o rei, e por que lhe haveria o rei de dar semelhante recompensa? Deixa que teu servo volte, para morrer em minha cidade, junto ao túmulo de meu pai e de minha mãe”* (2Sm 19,32-38).

Berzelai é um grande sábio. Não cede à tentação de se agarrar às coisas que já não consegue mais saborear. Sobriamente percebe sua progressiva debilidade e com muita modéstia segue seu próprio caminho, procurando não ser peso para ninguém⁵.

4 Velhice como sinônimo de caducidade e sofrimento

Embora a serenidade seja o modo ideal de enfrentar a velhice, na Bíblia não faltam sentimentos de desilusão, de amargura e interrogações dramáticas, da parte de pessoas idosas.

Jacó, sem dúvida, revela certa amargura nesta resposta que deu a Fararó: *“O número de anos de minha peregrinação é de cento e trinta anos. Curtos e maus foram os anos de minha vida, e não atingiriam os que viveram meus pais durante sua peregrinação”* (Gn 47,8-9). Nos Salmos, o salmista descreve com muito realismo o seu decaimento: *“De pena definham meus olhos, minha garganta e minhas entranhas. Minha vida se esvai em tristeza e meus anos em gemidos. Sou injuriado por todos os meus adversários, e mais ainda por meus vizinhos; tornei-me espantoso para meus íntimos; se me vêem na rua, fogem. Desapareci da memória como um morto, já não passo de um monte de escombros* (Sl 30/31,10.11.12-13). *“Mirraram-se-me os ossos, entre contínuos gemidos. Esgotavam-se-me as forças como nos ardores de verão”* (Sl 31/32, 3-4). Jó se pergunta se de fato Deus é justo, já que muitos malvados vivem uma velhice sã e feliz, e ao contrário, muitos justos se arrastam em uma velhice macilenta e infeliz. O Eclesiastes pergunta que sentido tem a vida, se tudo corre tão veloz na direção da velhice e da morte. Numa de suas

⁵ L. A. SCHÖKEL, *Esperança. Meditações bíblicas para a terceira idade*, Paulus, S. Paulo, 1994 (trad.), p. 151.



páginas mais célebres, ele descreve com certa amargura e impiedosamente o aparecimento da velhice. A imagem é a de uma casa que desmorona e de uma família nobre em completa decadência

“Lembra-te de teu Criador nos dias de tua juventude, antes que venha os maus dias e que apareçam os anos dos quais dirás: “Não sinto prazer neles”; antes que se escureçam o sol, a luz, a lua e as estrelas, e que à chuva sucedam as nuvens; anos nos quais tremem os guardas da casa, nos quais se curvam os robustos e param de moer as moleiras pouco numerosas, nos quais se escurecem aqueles que olham pela janela, nos quais se fecham para a rua os dois batentes da porta, nos quais se enfraquece o ruído do moinho, nos quais os homens se levantam ao canto do passarinho, nos quais se extingue o som da voz, nos quais se temem as subidas, nos quais se terão sobressaltos no caminho, nos quais a amendoieira branqueia, nos quais o gafanhoto engorda, nos quais a alcaparra perde a sua eficácia, porque o homem se encaminha para a morada eterna e os carpidores percorrem as ruas, antes que se rompa o cordão de prata, que se despedace a lâmpada de ouro, antes que se quebre a bilha na fonte, e que se fenda a roldana sobre a cisterna; antes que o pó retorne à terra para se tornar o que era e antes que o sopro de vida retorne a Deus que o deu”(Ecl 12,1-7).

O salmista, Jó e o Eclesiastes são vozes significativas, e mostram que o homem bíblico olha a vida com realismo e até desencanto. A velhice é um risco e pode apresentar-se com rosto dramático, especialmente se concluiu uma vida vazia e dispersa. Por isso o Eclesiastes iniciou dizendo: *“Lembra-te de teu Criador nos dias de tua juventude”*. Não se trata de um *“carpe diem”* – goza os teus dias – em sentido epicureu, hedonístico e pagão, mas é verdade, contudo, que a vida é uma única possibilidade. É preciso vivê-la intensamente, sem recuos. Uma velhice que conclui uma vida cheia é, qualitativamente, diferente de uma velhice que se acrescenta a uma vida vazia.

O homem bíblico, inclusive o Eclesiastes, sabe que não é só a velhice que constitui um risco. A velhice faz parte de um problema mais geral. É uma janela sobre a vida vista na perspectiva da verdade. A velhice não pode ser isolada das outras fases da vida. Resolve-se a velhice se for solucionado o problema da vida. É este o ensinamento que a Bíblia nos oferece.

Numa concepção falsa e estreita da vida não existe lugar para a velhice, porque a velhice é o momento da verdade. Nas outras idades se pode ter ilusões. Na velhice não. Se uma cultura reduz o sentido da vida a valores falsos ou parciais, não existe mais espaço para o ancião. Será fatalmente um excluído e, ele mesmo, não terá motivo para viver

Endereço do Autor:

Caixa Postal 726
89801-970 CHAPECÓ, SC